

CONTOS REUNIDOS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourival Pereira Junior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marcelo Schramm Mielke

Marileide Santos Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

ARAMIS RIBEIRO COSTA

CONTOS REUNIDOS



Editora da UESC

Ilhéus - Bahia

2010

©2010 by ARAMIS RIBEIRO COSTA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO
GERALDO JESUÍNO - UFC

DIAGRAMAÇÃO
ALENCAR JÚNIOR

REVISÃO
MARIA LUIZA NORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

C837 Costa, Aramis Ribeiro.
Contos reunidos / Aramis Ribeiro Costa. — Ilhéus : Editus, 2010.
645p. - (Coleção Nordestina, 69)

ISBN: 978-85-7455-200-2

1. Contos brasileiros – Coletânea. I. Título.

CDD – 869.93

À memória dos meus avós
— o começo de tudo.

À memória dos meus pais
— a razão de tudo.

À memória do meu tio Adroaldo
— como um farol, iluminando tudo.

Para minhas irmãs e minhas sobrinhas
— a continuação de tudo.

Para Gerana
— a companheira de tudo.

O MESTRE ARAMIS E SEUS CONTOS REUNIDOS

Vem em boa hora essa reunião de alguns contos de Aramis Ribeiro Costa, a cargo da editora da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, Coleção Nordestina, não somente porque permitirá, aos que não conhecem sua singular ficção, o primeiro contato e o prazer da descoberta, e aos que conhecem, a oportunidade de reler, com renovada surpresa, algumas de suas histórias extraordinárias. Histórias como “A rosa de Natália”, “Lídia: uma história de Heródoto”, “As duas mortes de Olegário Otávio”, “A interminável noite de Percival”, “O morto Rogaciano”, “A oportunidade”, “Dez anos depois” e “Mãe”, entre tantas outras.

Faço minhas as palavras de Hélio Pólvora, em orelha de *A assinatura perdida* (1996), quando ressalta: “Ainda se escrevem contos que são contos. O conto que narra, a partir de um núcleo ficcional definido, mesmo que limitado, sem a preocupação da trama. O conto que se exprime pela linguagem e pelos significados humanos recolhidos. O conto na tradição dos clássicos, mas tocado pelo espírito de modernidade”. Perfeito! Neste pequeno parágrafo, o ensaísta e

também contista baiano toca em três aspectos fundamentais da construção narrativa do seu conterrâneo.

O primeiro deles concerne à relação fábula e trama ou, em outros termos, enredo e composição. Aramis é o típico contista da efabulação, na medida em que situações e personagens, ocorrências e conflitos como que fundam a arquitetura do discurso literário. É o quê mais que o como, o conteúdo mais que a técnica de organização que adquire ostensiva visibilidade. Com isto não quero dizer que o autor não domine a técnica de narrar e os recursos formais e estilísticos. Ao contrário: o domínio é tão sólido que o resultado – e aqui não importa a opção pelo andamento linear – evidencia-se com tanta naturalidade.

Por isto, seus contos apresentam uma das características essenciais ao gênero, segundo Tchekhov, isto é, *força*, pois desde o início arrebatava o leitor, levando-o, incontinentemente, ao final da narrativa. Em muitos de seus contos não há como suspender o processo de leitura. Seduzido pela curiosidade, estimulado pela imaginação, presa das armadilhas ficcionais, o leitor se deixa conduzir, fascinado, para o desenlace da ação. Não raro, estranho e imponderável desenlace. A este propósito, convoco os leitores para a deliciosa e surpreendente viagem de um conto como “A rosa de Natália” ou “A interminável noite de Percival”. Aquele, trilhando um percurso lírico, erótico e realista; este, beirando o fantástico...

Aliás, eis as duas matrizes estéticas que parecem conduzir o autor de *Os bandidos* (2005). De um lado, há um conjunto de peças em que a linhagem hiper-realista, a um Dalton Trevisan, a um Sérgio Sant’Anna e a um Rubem Fonseca, dão a tônica, sem incidir, contudo, no esquemático denunciamento que tanto tem prejudicado a literatura de notação urbana e social. Dessa vertente, figuram como exemplos, entre outros: “Mãe”, “Kety”, “O zelador”, “Reportagem urbana” e “Assassino”. De um outro, existe um leque de contos que transita pelo fantástico, porém o fantástico encravado na carne do cotidiano mais ordinário, como nos demonstram, em especial, dois contos emblemáticos: “A oportunidade” e “O morto Rogaciano”.

O segundo aspecto, entrevisto na citação de Hélio Pólvora, refere-se à correspondência entre os conteúdos humanos e a linguagem. Diria que os fatos existenciais, ou melhor, a situação excepcional em que se envolve as personagens, quer no viés realista quer no viés do fantástico, define bem o inusitado, o surpreendente, o estranho da experiência humana vivenciada. Para me socorrer, mais uma vez de Tchekhov, vejo aqui a marca da *novidade*, ou seja, o impacto do acontecimento inédito assim como a maneira particular, insólita de captar a temática e de desenvolver o assunto através de ângulos inesperados. Confira o leitor, lendo, por exemplo, um conto como “Lídia: uma história de Heródoto” ou mesmo o desconcertante “As duas mortes de Olegário Otávio”.

Novidade, nesta perspectiva, não se confunde com *novismo* nem tampouco com as invenções pirotécnicas da forma gratuita e vazia em que muitos se comprazem. A essa *novidade*, que provavelmente se aproxima do conceito de originalidade, Aramis Ribeiro Costa procura associar a *clareza*, outra exigência tchekhoviana, sobretudo quando se molda pela objetividade narrativa e pela simplicidade da linguagem. Tanto no conto mais longo quanto naqueles mais curtos, o narrador revela economia de meios e senso de equilíbrio na seleção dos elementos, delimitando bem o núcleo seminal da narração, cadenciando o ritmo do suspense, enfim, atingindo o clímax e o desfecho.

Daí, chegamos ao terceiro aspecto: Aramis é um contista de herança clássica, porém tocado pelo halo da modernidade. O clássico vincula-se evidentemente ao modo de narrar, à elaboração de uma trama quase sempre linear – de começo, meio e fim – com narrador bem posicionado, claramente definido, conflitos bem articulados, enfim, com todas aquelas diretrizes que vêm de mestres como Maupassant, Eça de Queirós e Machado de Assis, com os quais o escritor baiano parece manter fortes “afinidades eletivas”.

O toque moderno, por sua vez, é dado pelo olhar, às vezes empático às vezes irônico, às vezes lírico às vezes humorístico, com

que o narrador visualiza o drama e o desamparo dos personagens, suas tristezas, alegrias, frustrações, medos, dúvidas, perplexidades, desespero, loucura... Enfim, pelo senso das coisas contemporâneas, pela presença recorrente da cidade, a bela e misteriosa Bahia de São Salvador, topografia real e simbólica desse universo de “humilhados e ofendidos” que Aramis Ribeiro Costa transfigura com a objetividade da observação sensível e com a poeticidade da imaginação criadora.

À semelhança de “Heródoto”, um de seus personagens, Aramis gosta de contar histórias. Mas não qualquer história. Não a história pela história. O conto, para ele, tem de ser *significativo*, isto é, deve ultrapassar as fronteiras episódicas que o deslindam, fazendo explodir, conforme sustenta Julio Cortázar, num dos capítulos de *Valise de Cronópio*, a “energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Como no poema de Fernando Pessoa, a emoção aqui também pensa. A perplexidade diante do acontecido, principalmente da singularidade do acontecido, leva à reflexão, transformando seus contos naquela “bolha de sabão”, a que alude Cortázar, “que se desprende do autor, do seu pito de gesso”.

O *significativo*, a seu turno, não existe sem a *intensidade* – a eliminação dos ingredientes supérfluos, na lição de Edgar Allan Poe; a *intensidade* e o *significativo* se consomem na *tensão*, que, para Henry James, “é uma intensidade que se exerce na maneira pela qual o autor nos vai aproximando lentamente do que conta”. Ora, tais características avultam e se mesclam na obra ficcional de Aramis Ribeiro Costa, perfazendo sua unidade estética e sua densidade semântica.

A Bahia é região agraciada pelas vozes de grandes ficcionistas da literatura brasileira. Basta lembrar os nomes de Jorge Amado, Herberto Sales, Adonias Filho, Antônio Torres, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Medauar e Hélio Pólvora, para citarmos apenas os mais conhecidos. Creio que Aramis Ribeiro Costa, a par da obra consolidada que

vem publicando e já ceifando os melhores frutos da maturidade, espiritual e artística, de que serve de exemplo essa bem vinda coletânea, integra perfeitamente, qual um mestre entre seus pares contemporâneos, a rica galeria dessa tradição.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO
poeta e crítico literário paraibano.

Comarca das Pedras, outubro de 2008.

SUMÁRIO

A Imagem no Espelho	17
Dez Anos Depois	30
Amâncio	36
A Nota de Rosália	53
Sete-Sete	61
A Assinatura Perdida	83
Os Sobrinhos	91
Kety	103
As Últimas Férias do Tio Edson	110
O Aniversário de Normando	118
A Porta Aberta	147

Ofélia

154

A Mágoa Eterna de Dona Cizinha

163

Os Bandidos

174

À Procura de Francine

192

O Zelador

215

As Duas Mortes de Olegário Otávio

225

Itapagipe

237

O Anel

256

A Interminável Noite de Percival

261

A Oportunidade

283

A Casa

291

Uma Vontade Enorme de Chorar

309

Miséria

325

A Primeira Noite de Mariazinha

334

Chico do Morro

351

Reportagem Urbana

359

Praia

385

Era Véspera de Natal

393

Inácio

413

O Desejo de Leonídia

425

Mãe

432

A Mulher de Negro

441

Miolo de Pão

449

Dona Laura Está Dormindo

454

Assassino

461

Ladeira da Conceição	465
Segunda-Feira Sem Data	479
O Gato	513
O Mar Que a Noite Esconde	518
Visita à Casa Paterna	538
Malu	545
Mamãe Está Morrendo	558
O Favor do Velho Tio	564
Lídia - UMA HISTÓRIA DE HERÓDOTO	583
O Morto Rogaciano	604
A Rosa de Natália	613
Do Autor	633
Nota Bibliográfica	635